

L. S. Vigotski
**O DESENVOLVIMENTO
PSICOLÓGICO NA
INFÂNCIA**

Tradução *CLAUDIA BERLINER*

DEDALUS - Acervo - FE



20500022232

Martins Fontes
São Paulo 1999

Biblioteca / FEUSP

43134

Esta obra foi publicada originalmente em russo com o título *SOBRANIA SOCHINENII TOM VTOROI. PROBLEMI OBSHEI PSIHOLOGUII*, por Editorial Pedagogika, Moscou, em 1982.
Copyright © Editorial Pedagogika, Moscou, em 1982
Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 1998, para a presente edição.

1ª edição
abril de 1998
2ª tiragem
agosto de 1999

Traduzido a partir do texto espanhol por
CLAUDIA BERLINER

Revisão gráfica
Teresa Cecília de Oliveira Ramos
Célia Regina Rodrigues de Lima
Produção gráfica
Geraldo Alves
Paginação/Fotolitos
Studio 3 Desenvolvimento Editorial
Capa
Alexandre Martins Fontes
Katia Harumi Terasaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vigotski, Lev Semenovich, 1896-1934.
O desenvolvimento psicológico na infância / L. S. Vigotski ;
tradução Claudia Berliner. – São Paulo : Martins Fontes, 1998. –
(Psicologia e Pedagogia)

Título original: *Sobranii sochinenii tom vtoroi*.
ISBN 85-336-0807-1

1. Crianças – Desenvolvimento 2. Psicologia infantil I. Título.
II. Série.

97-5592 CDD-155.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Crianças : Desenvolvimento psicológico :
Psicologia infantil 155.4
2. Infância : Desenvolvimento psicológico :
Psicologia infantil 155.4

Todos os direitos para o Brasil reservados à
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340
01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 239-3677 Fax (11) 3105-6867
e-mail: info@martinsfontes.com
<http://www.martinsfontes.com>

Índice

PRIMEIRA PARTE

O desenvolvimento psicológico na infância

1. A percepção e seu desenvolvimento na infância 3
2. A memória e seu desenvolvimento na infância 29
3. O pensamento e seu desenvolvimento na infância 49
4. As emoções e seu desenvolvimento na infância 79
5. A imaginação e seu desenvolvimento na infância 107
6. O problema da vontade e seu desenvolvimento na infância 131

SEGUNDA PARTE

Vias de desenvolvimento do conhecimento psicológico

- Prólogo à versão russa do livro de E. Thorndike, "Princípios de ensino baseados na psicologia" 149
- Introdução à versão russa do livro de K. Bühler, "Ensaio sobre o desenvolvimento espiritual da criança" 179
- Prólogo à edição russa do livro de W. Köhler, "Pesquisas sobre a inteligência dos macacos antropomorfos" 201
- O problema do desenvolvimento na psicologia estrutural.
Estudo crítico 243

Notas 321

Aquisição	Compra / Russa
Origem	L. Norte, América
Solicitante	
Proc	02 2 309 48.9
R\$	24,34 Data: 06/04/01
N.º de Chamada	152.273 V996d

Conferência 4

*As emoções e seu desenvolvimento na infância**

O estado atual da doutrina das emoções em psicologia e seu desenvolvimento teórico apresentam grandes peculiaridades em comparação com os outros capítulos da psicologia: neste capítulo, até hoje domina o puro naturalismo, que era totalmente alheio aos demais capítulos da psicologia. Estes capítulos, a que nos referimos anteriormente, só chegam às teorias naturalistas quando aparecem o behaviorismo e outras correntes que tratam do comportamento. Nesse sentido, cabe dizer que o capítulo da velha doutrina das emoções encerra, no aspecto metodológico, todo o behaviorismo futuro, já que a corrente behaviorista em psicologia constitui, em certa medida, um brusco contraste, uma brusca reação à antiga psicologia introspectiva espiritualista. Disso se depreende, é claro, que o capítulo das emoções, concebido em geral segundo um plano puramente naturalista, fosse a ovelha negra entre os demais capítulos que integravam a psicologia da época.

As causas disto eram muitas. Para nós, basta assinalar o motivo mais próximo, relacionado ao nome de Darwin. Este, ao levar às últimas consequências a extensa e antiga tradição da

.....
* "Emotsii y ij razvitie v detskom vozraste."

biologia, no trabalho “A origem dos movimentos expressivos do homem”, estabelece uma conexão geral entre as emoções do homem e as reações afetivas e instintivas correspondentes que se observam no reino animal. Em seu estudo sobre a evolução e a origem dos movimentos expressivos humanos, Darwin valorizava, evidentemente, sua idéia evolutiva fundamental. Para ele, era importante demonstrar, como diz em uma de suas cartas, há pouco publicada em russo, que os sentimentos do homem, que eram considerados como o “sancta sanctorum” interior da alma humana, são de origem animal, assim como o homem em sua totalidade. E, com efeito, a comunidade entre as expressões emocionais do homem e, de qualquer forma, as dos animais superiores mais próximos dele é tão evidente que quase não é objeto de discussão.

Como se sabe, a psicologia inglesa, que esteve temporariamente sob o poder do pensamento escolástico com suas fortes tradições religiosas medievais, tratou com extraordinária astúcia, como diz um dos historiadores contemporâneos, a idéia de Darwin. Por mais estranho que pareça, esta psicologia impregnada de tradições religiosas acolheu as teses darwinistas desenvolvidas por seus discípulos com grande simpatia, partindo do que Darwin havia demonstrado: as paixões terrenas do homem, suas inclinações egoístas, suas emoções, relacionadas com as preocupações concernentes ao seu próprio corpo são, na verdade, de origem animal.

Deste modo, subitamente adquirem impulso duas correntes, para as quais se orientou o trabalho do pensamento psicológico: por um lado, continuando em sentido positivo as idéias darwinianas, uma série de psicólogos (em parte Spencer¹ e seus discípulos, em parte os positivistas franceses, Ribot² e sua escola, e em parte a psicologia alemã de orientação biológica) começou a desenvolver as idéias sobre a origem biológica das emoções humanas, a partir das reações afetivas e instintivas dos animais. Daí surge a teoria das emoções (denominada “teo-

ria dos rudimentos” pela literatura), que figura em quase todos os manuais, inclusive os soviéticos.

Do ponto de vista desta teoria, os movimentos expressivos que acompanham nosso temor são considerados, segundo uma conhecida expressão, restos rudimentares de reações animais na fuga e na defesa, e os movimentos expressivos que acompanham nossa ira são considerados restos rudimentares de movimentos que acompanhavam, em outros tempos, a reação de ataque de nossos antepassados animais. Conforme uma conhecida fórmula, considerou-se o temor uma fuga refreada e a ira uma rixa refreada. Em outras palavras, todos os movimentos expressivos foram considerados retrospectivamente. Nesse sentido, são dignas de nota as palavras de Ribot segundo as quais as emoções são o único setor da psique humana, ou, como diz ele, “o estado dentro do estado”, que só pode ser compreendido retrospectivamente. A idéia de Ribot consistia em que as emoções são uma “tribo agonizante” ou os “ciganos de nossa psique”. De fato, desse ponto de vista, a única conclusão a que chegaram as teorias psicológicas era de que as reações afetivas do homem são restos de sua existência animal, restos infinitamente debilitados em sua manifestação exterior e desenvolvimento interno.

Por conseguinte, dava a impressão de que a curva da evolução das emoções tendia para baixo. E, se compararmos, como propunha um dos últimos discípulos de Spencer, o animal e o homem, a criança e o adulto, e finalmente o homem primitivo e o homem culto, veremos que, à medida que avança o desenvolvimento, as emoções passam a ocupar o último lugar. Disto se depreende, como se sabe, o famoso prognóstico de que o homem do futuro será um homem carente de emoções, que deverá alcançar, de fato, o final lógico e perder os últimos elos que restam da reação que teve um certo sentido na etapa primitiva de sua existência.

Fica evidente que, desse ponto de vista, só um capítulo da psicologia das emoções podia ser desenvolvido no plano adequa-

do: o capítulo referente à reação emocional dos animais e à evolução das emoções no mundo animal. Este capítulo é o que a psicologia atual desenvolveu mais a fundo e com mais detalhes. Quanto à psicologia do homem, pelo contrário, semelhante formulação da questão excluía a possibilidade de estudar de forma adequada o que constitui as particularidades específicas das emoções do homem. Tal formulação da questão, em vez de esclarecer como se enriquecem as emoções na infância, mostrava, pelo contrário, como se reprimem, se debilitam, se eliminam as descargas emocionais imediatas, próprias da infância precoce. No que se refere às variações sofridas pela força da emoção desde o homem primitivo até nossos dias, seu caminho, que era considerado como continuação direta da evolução, consistia no seguinte: na medida em que o desenvolvimento da psique humana foi avançando, as emoções retrocederam. Essa foi, segundo Ribot, a gloriosa história da morte de todo um setor da vida psíquica.

Enfocada desde o aspecto biológico, a vida emocional dava a sensação da morte paulatina de toda uma esfera da vida psíquica, a experiência psicológica imediata, mas, posteriormente, as pesquisas experimentais demonstraram claramente o absurdo dessa idéia.

Langue³ e James já se haviam proposto, cada um por seu lado – James mais conscientemente como psicólogo e Langue mais inconscientemente como fisiólogo –, a tarefa de encontrar a fonte da vitalidade das emoções, como diz James, no próprio organismo do homem, libertando-se assim do enfoque retrospectivo das emoções humanas. Langue e James encontraram essa fonte nas reações orgânicas que acompanham nossos processos emocionais. Esta teoria é tão amplamente conhecida, foi tão citada nos manuais, que não há necessidade de expô-la. Lembrarei apenas que o ponto de virada crucial dela é a mudança da sucessão tradicional dos momentos que compõem as reações emocionais.

Sabe-se que, para os psicólogos anteriores a James e Langue, o processo emocional desenvolvia-se do seguinte modo: o

primeiro elo é o acontecimento externo ou interno, cuja percepção provoca uma emoção (digamos, a presença de um perigo), depois, a sensação da própria emoção (sentimento de terror) e, em seguida, a correspondente expressão corporal, orgânica (as palpitações do coração, a palidez, o tremor, a secura de garganta, todos os sintomas que acompanham o medo). Se, antes, os psicólogos estabeleciam a seguinte sucessão: percepção, sentimento, expressão, James e Langue propuseram considerar este processo segundo outra seqüência, ao assinalar que imediatamente depois da percepção de tal ou qual acontecimento surgem mudanças orgânicas provocadas de forma reflexa (para Langue, vasomotoras de preferência; para James, viscerais, ou seja, produzidas nos órgãos internos). Estas mudanças, que ocorrem de forma reflexa no medo e em outras emoções, são percebidas por nós, e a percepção das reações orgânicas próprias é o que constitui a base das emoções.

De acordo com essa doutrina, a clássica fórmula de James, que agora se modifica de várias maneiras, porque cada teoria tenta demonstrar sua oposição a ela, diz: costumava-se considerar que choramos porque estamos aflitos, trememos porque estamos assustados, batemos porque estamos irritados; na verdade, dever-se-ia dizer que estamos aflitos porque choramos, que estamos assustados porque trememos e que estamos irritados porque batemos.

Segundo o ponto de vista de James, basta reprimir a manifestação externa da emoção para que esta desapareça e vice-versa: basta provocar em si mesmo a manifestação de uma determinada emoção para que esta apareça depois da manifestação.

Dois aspectos seduziam nesta teoria, completa no aspecto teórico e suficientemente elaborada: por um lado, proporcionava realmente uma aparente fundamentação científico-natural, biológica, às reações emocionais e, por outro, carecia dos defeitos das teorias incapazes de explicar de algum modo por que emoções que não fazem falta a ninguém, restos da exis-

tência animal, continuam vivas e se revelam, do ponto de vista da experiência retrospectiva, sensações tão importantes, tão consideráveis, que são as que estão mais próximas do núcleo da personalidade. Vocês mesmos sabem que as sensações mais emotivas são as sensações pessoais internas.

Como se sabe, essas teorias de James e Langue, que logo se fundiram numa teoria comum, foram objeto de recriminações por seu “materialismo”, porque James e Langue queriam reduzir os sentimentos do homem ao reflexo, em sua consciência, dos processos orgânicos que ocorriam em seu corpo. No entanto, o próprio James estava muito distante do materialismo, e em resposta às primeiras recriminações lançou uma tese, que figura em seu manual de psicologia: “Minha teoria não pode ser de modo algum denominada ‘materialista’.” E, na verdade, sua teoria não era, de fato, materialista, embora, em muitos casos, desse lugar à denominação de materialista, porque utilizava o método materialista espontâneo. Não era materialista e conduziu a resultados contrários aos materialistas. Por exemplo, em nenhum outro lugar como na teoria das emoções ficam tão divididas as funções superiores e inferiores. Isso ocasionou o desenvolvimento posterior da teoria de James.

O próprio James, em resposta às recriminações de materialismo, segue o caminho já traçado por Darwin em resposta às recriminações de que era objeto por parte dos psicólogos escolásticos ingleses. James procura dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César. Fez isso dizendo que só têm origem orgânica as emoções inferiores, herdadas pelo homem de seus antepassados animais. Isso pode se referir aos grupos de emoções tais como o terror, a ira, o desespero, a fúria, mas não é aplicável, naturalmente, a tão “sutis”, segundo sua expressão, emoções, como o sentimento religioso, o sentimento de amor do homem pela mulher, a sensação estética, etc. Portanto, James diferenciava rigorosamente o campo das emoções inferiores e superiores, particularmente o campo intelec-

tual que antes passara despercebido e que ultimamente se converteu no centro das pesquisas experimentais. Todas as emoções, todas as sensações emocionais diretamente entrelaçadas em nossos processos de pensamento e que são parte inalienável do processo integral dos raciocínios, eram diferenciadas por ele dos fundamentos orgânicos, e considerava-os como um processo *sui generis*, isto é, como um processo de um gênero e de uma natureza totalmente distintos.

James, um pragmático, interessava-se muito pouco pela natureza do fenômeno a estudar, e por isso dizia que para os interesses práticos da sociedade bastava conhecer a diferença que a pesquisa empírica descobre entre as emoções superiores e inferiores. Do ponto de vista pragmático, o importante era salvar as emoções superiores de sua interpretação materialista ou quase materialista.

Assim, essa teoria levou, por um lado, ao dualismo característico da psicologia intuitiva e descritiva. Ninguém mais do que Bergson, ferrenho idealista, que numa série de momentos coincidia com James nas concepções psicológicas e filosóficas, aceitou sua teoria das emoções e acrescentou idéias próprias de caráter teórico e real. Por outro lado, junto com o dualismo na doutrina das emoções superiores e inferiores, esta teoria não pode ser chamada de materialista, como disse com razão o próprio James, porque não contém nem um átomo de materialismo, a não ser na afirmação: ouvimos porque os terminais de nosso nervo auricular experimentam uma excitação em decorrência das vibrações de ar que agem sobre nosso tímpano. Em outras palavras, os espiritualistas e idealistas mais recalcitrantes nunca negaram o simples fato de que nossas sensações e percepções estão relacionadas com os processos materiais que excitam nossos órgãos dos sentidos.

Por conseguinte, a afirmação de James de que as emoções são percepções internas de mudanças orgânicas não se aproxima mais do materialismo do que as teses de qualquer partidário do paralelismo, que afirma que a onda luminosa, ao provo-

car a correspondente excitação do nervo óptico, põe em movimento um processo nervoso, paralelamente ao qual produz a sensação psíquica de uma ou outra cor, forma, tamanho, etc.

Finalmente, o terceiro e mais importante ponto: essas teorias estabeleceram as bases para a criação de toda uma série de teorias metafísicas da doutrina das emoções. Nesse sentido, a teoria de James e Langue representou um passo para trás em comparação com os trabalhos de Darwin e com a corrente que se desenvolveu imediatamente a partir dele. Se era necessário salvar as emoções e mostrar que não se tratava de uma tribo agonizante, James não encontrou nada melhor do que acoplá-las aos órgãos mais invariáveis, mais baixos no desenvolvimento histórico da humanidade, aos órgãos internos, que, segundo ele, são os verdadeiros portadores das emoções. As mais delicadas reações do intestino e do coração, as sensações que partem das cavidades e dos órgãos internos, o jogo das reações vasomotoras e outras mudanças semelhantes são os momentos vegetativos, viscerais, humorais, a partir de cuja percepção se formam, na opinião de James, as emoções. Portanto, essa teoria separava as emoções da consciência e colocava um ponto final no realizado anteriormente.

Eu disse que, segundo as concepções de Ribot e outros autores, as emoções são um estado dentro de outro na psique humana. Isso significa que as emoções eram consideradas de modo isolado, separadas do conjunto global, de todo o resto da vida psíquica do homem, e a teoria de James e Langue proporcionou a justificação anátomo-fisiológica dessa idéia do estado dentro do estado. O próprio James sublinha isso claramente. Dizia que, enquanto o cérebro é o órgão do pensamento humano, o das emoções são os órgãos vegetativos internos. Com isso, o verdadeiro substrato das emoções se translada do centro para a periferia. Nem é preciso dizer que a teoria de James e Langue fechava ainda mais que as precedentes a porta para a formulação do desenvolvimento da vida emocional. Nela havia, conforme se expressa o próprio James, uma certa lembran-

ça do desenvolvimento, nela examinava-se numa análise retrospectiva as emoções do homem como tendo surgido em tempos passados no processo evolutivo. Nela, excluía-se por completo a possibilidade de fornecer a gênese das emoções humanas, do aparecimento de quaisquer emoções novas no processo da vida histórica do homem.

Portanto, fechando o círculo, James, assim como seus seguidores, retorna à concepção idealista fundamental das emoções. É precisamente ele quem diz que durante o período histórico de evolução da humanidade se aperfeiçoaram e desenvolveram os sentimentos humanos superiores, que os animais desconheciam. Mas tudo o que o homem havia recebido do animal permaneceu invariável, já que é, como se expressa James, uma simples função de sua atividade orgânica. Isso significa que a teoria proposta, a princípio, para demonstrar (como já disse, referindo-me a Darwin) a origem animal das emoções terminou demonstrando a falta de conexão no desenvolvimento do que o homem havia recebido do animal e do que surgiu durante o período histórico da evolução. Com isso, esses autores deram, com efeito, a Deus o que era de Deus e a César o que era de César, ou seja, procuraram estabelecer, por um lado, a importância puramente espiritual de uma série de emoções superiores e, por outro, uma série de emoções inferiores, puramente orgânicas, de valor fisiológico.

Os ataques experimentais contra essa teoria se deram em duas direções: por parte dos laboratórios de fisiologia e por parte dos de psicologia. Os laboratórios fisiológicos desempenharam com respeito à teoria de James e Langue um papel traiçoeiro. No princípio, os fisiólogos estavam entusiasmados com essa teoria e ano após ano contribuíam com novos dados que confirmavam a teoria de James. Por certo, a teoria encerra uma certa verdade indubitável; evidentemente, as mudanças orgânicas, específicas da reação emocional, são extraordinariamente ricas e variadas. Ao comparar o que James disse sobre isso com o que sabemos agora, pode-se ver realmente o

enorme e frutífero caminho que James e Langue abriram para as pesquisas empíricas. Nisso consiste seu extraordinário mérito histórico.

O papel traçoeiro por parte dos laboratórios de fisiologia foi desempenhado pelo conhecido livro de Cannon⁴. A obra é completamente contraditória, e se isso não foi notado de imediato foi porque, em primeiro lugar, refletia a etapa precoce do desenvolvimento da pesquisa fisiológica e, em segundo, porque foi editada na URSS com um prólogo de Zavadovski⁵, que a recomenda como demonstração experimental concreta da veracidade da teoria de James-Langue. No entanto, basta analisar atentamente o conteúdo dos experimentos de Cannon para ver, propriamente falando, que conduzem à negação da teoria de James e Langue.

Dois idéias constituem a base dos problemas teóricos que mais interessaram Langue e James na criação de sua famosa teoria: 1) examinada a partir do aspecto biológico, a emoção constitui o reflexo dos estados fisiológicos na consciência; 2) estes estados são específicos para as distintas emoções.

Vocês provavelmente já leram uma série de livros sobre os últimos trabalhos de Cannon e sua escola. Em experimentos com gatos, cachorros e outros mamíferos, Cannon conseguiu, com a ajuda de métodos de pesquisa muito complicados, de extirpações, intoxicações artificiais, complexas análises bioquímicas, demonstrar experimentalmente que, com efeito, em estado de fúria, ira, terror, produzem-se nos gatos e cachorros mudanças humorais profundas, relacionadas com reações das glândulas de secreção interna, concretamente nas cápsulas supra-renais, que todas essas mudanças implicam profundas alterações de todo o sistema visceral, ou seja, que todos os órgãos internos reagem a isso, e, portanto, que cada emoção está relacionada com sérias mudanças no estado do organismo. No entanto, já em seu primeiro trabalho, que pôde parecer a Zavadovski uma confirmação da teoria de James e Langue, Cannon tropeça em um fato de extraordinária importância.

Por mais estranho que pareça, Cannon descreve emoções tão distintas como a fúria, o terror, o medo, a ira como tendo a mesma expressão orgânica. Por isso, Cannon introduz, já nesse trabalho, uma correção na fórmula de James. Se este dizia: estamos aflitos porque choramos, na opinião de Cannon isso teria de ser um pouco modificado para dizer: estamos aflitos, comovidos ou enternecidos, ou, em geral, sentimos as emoções mais distintas, porque choramos. Dito de outro modo, Cannon nega, baseando-se em seus dados experimentais, a conexão simples existente entre a emoção e sua expressão corporal: mostra que esta não é específica da natureza psíquica das emoções; o eletrocardiograma, as mudanças humorais e viscerais, a análise química, a análise de sangue dos animais não permitem estabelecer se o animal experimenta terror ou está furioso; em emoções diametralmente opostas do ponto de vista psicológico, as mudanças corporais são iguais. No entanto, Cannon, ao negar nesse trabalho a especificidade das expressões corporais para cada tipo de emoção, ao negar a relação direta entre tal tipo de emoção e a estrutura de sua expressão corporal, não colocou em dúvida a tese fundamental de James: as emoções são o reflexo em nossa consciência de mudanças orgânicas. Ao contrário, Cannon descobriu toda uma série de fatos, demonstrados experimentalmente, que mostram que as mudanças orgânicas são muito variadas, e com isso pareceria reforçar a teoria de James e Langue. Mas nas pesquisas posteriores, publicadas agora, viu-se obrigado a chegar à conclusão de que os fatos encontrados sobre a não-especificidade da expressão corporal das emoções conduzem, de fato, à total negação da teoria de James e Langue, ao reconhecimento de sua inconsistência. Nestes experimentos, Cannon obteve uma série de importantes fatos.

Variando, no experimento psicológico, a situação em função da qual se manifestam no animal diversas emoções intensas, encontra manifestações corporais iguais. O novo consiste somente em que a clareza de tais manifestações dependia não

tanto da qualidade da própria emoção, mas da força de sua manifestação. Depois, Cannon levou a cabo uma série de complicados experimentos, nos quais do animal era eliminada uma grande parte do sistema nervoso simpático, extirpando-lhe o tronco dos nódulos simpáticos, e com isso se evitava qualquer reação de caráter orgânico. Foram estudados em termos comparativos dois animais: uma gata, na qual, devido ao fato de ter-lhe sido extirpado o sistema nervoso simpático, nenhum terror nem fúria produziam secreção de adrenalina nem outras mudanças humorais, e uma gata de controle, na qual todas estas reações eram provocadas.

A principal conclusão foi, não obstante, que as duas gatas se comportaram exatamente da mesma maneira em situação análoga. Dito de outro modo, a expressão da emoção observada na gata de quem tinha sido extirpado o sistema nervoso simpático foi igual à da outra. Reagiu da mesma maneira quando o cachorro se aproximou dela e de seus gatinhos e também quando, faminta, tiraram sua comida e, identicamente, quando, também faminta, olhava a comida através de um estreito orifício. Ou seja, todas essas reações foram testadas em animais de dois tipos, em decorrência do que um dos principais elementos de James se viu refutado experimentalmente. O teste desmentiu sua famosa tese sobre a subtração mental dos sintomas das emoções. De acordo com James, se retirarmos mentalmente de uma emoção de terror o tremor, o encolhimento de pernas, a paralisação do coração, etc., veremos que da emoção não resta nada. Cannon procurou efetuar essa subtração e mostrou que, apesar disso, a emoção persistiu. Por conseguinte, o momento central da pesquisa de Cannon consistiu em demonstrar a presença de um estado emocional do animal quando faltam as correspondentes reações vegetativas.

Em outra série de experimentos, foi aplicada em animais e depois em pessoas uma injeção que produzia mudanças orgânicas artificiais, análogas às que se observam numa forte emoção. Verificou-se que, nos animais, se pode provocar essas mu-

danças orgânicas sem que apareçam determinadas emoções. Observa-se neles uma variação do açúcar no sangue, uma variação da circulação sanguínea, etc., como no caso da emoção, mas esta não se faz presente.

Ou seja, o destino da segunda afirmação de James foi o mesmo: se provocarmos uma expressão externa, que acompanha uma emoção, esta aparecerá. Esse aspecto também se mostrou falso.

Os experimentos de Cannon com pessoas tampouco deram resultados parecidos. Embora na grande maioria das pessoas em quem se realizou o teste não se observassem emoções, em algumas delas as injeções, de fato, as provocaram. No entanto, isso aconteceu muito raramente e somente quando a pessoa estava “quase explodindo”, preparada, de certa forma, para a explosão emotiva, para a descarga emotiva. As explicações subseqüentes deixaram claro que a pessoa em questão tinha motivos para estar aflita ou alegre, e a injeção correspondente serviu de excitante para produzir essas emoções. Outro momento consistia no seguinte: no relato introspectivo dos submetidos ao teste, notou-se que em nenhum deles surgiu um sentimento de terror, nem de raiva, nem de timidez, mas todos explicaram seu estado assim: sentia-me como se temesse, como se estivesse raivoso ou chateado com algo. As tentativas de criar uma sensação interna na pessoa que realizava o teste, ou seja, a percepção consciente provocada experimentalmente por mudanças orgânicas internas conduzia apenas a que se produzisse um estado que lembrava a emoção, mas a própria emoção, no sentido verdadeiramente psicológico, não existia.

Portanto, os experimentos realizados com pessoas, com o emprego da análise introspectiva, introduziram certas correções nos dados de Cannon. Demonstraram que a expressão orgânica das emoções não é tão indiferente para os estados emocionais como supunha este último, partindo dos experimentos com extirpações em animais.

As conclusões gerais a que chegou Cannon e que são produto de uma série de pesquisas experimentais nesse terreno consistem em duas teses fundamentais. A primeira conclusão leva Cannon e todos os fisiólogos e psicofisiólogos dedicados a essa questão a rejeitar a teoria de James e Langue, que não dá conta da crítica experimental nem da comprovação dos fatos. Por isso, precisamente, um dos principais trabalhos de Cannon intitula-se “Alternativa à teoria de James e Langue”.

Outra conclusão decorre de que Cannon, como biólogo, tinha naturalmente necessidade de explicar pelo menos hipoteticamente o paradoxo resultante de seus experimentos. Se é fato que as profundas mudanças orgânicas que se produzem no animal mediante reações emocionais fortes carecem por completo de importância para as emoções e se a emoção persiste, apesar da subtração de todas essas mudanças orgânicas, como se pode compreender biologicamente para que servem tão profundas mudanças? Se, num primeiro trabalho, Cannon mostra a importância funcional biológica das mudanças que se produzem durante as emoções, precisa explicar agora, de um ponto de vista biológico, que a gata, que carece de sistema nervoso simpático e de todas as reações humorais e viscerais que acompanham o afeto de terror, reage à ameaça a seus gatinhos da mesma forma que a que conserva essas reações. Porque, do ponto de vista biológico, essas reações tornam-se incompreensíveis e antinaturais se não desempenham nenhum papel importante nas mudanças funcionais biológicas que se produzem durante as emoções.

Cannon explica essa contradição do seguinte modo: qualquer reação emocional forte no animal é, por si só, apenas o princípio, mas não o fim da ação, e surge numa situação crítica, de importância vital para ele. Fica claro, portanto, segundo expressão de Cannon, que a conclusão lógica das reações emocionais fortes do animal será sua atividade aumentada. Assim, a conclusão lógica do terror é a fuga do animal, a da fúria ou raiva, a luta ou o ataque. Por conseguinte, todas as reações

orgânicas são importantes não para a emoção como tal, mas para o que a ela se segue. Todas as mudanças – aumento de açúcar no sangue, mobilização das forças do egoísmo para a luta, a fuga – são importantes porque, biologicamente, a uma forte reação segue-se, no animal, uma intensa atividade muscular, não importando se se trata de fuga ou de luta, ataque; em todos os casos, essa preparação do organismo deverá ocorrer.

Nas condições do laboratório, diz Cannon, a gata que carece de sintomas fisiológicos de emoções se comporta da mesma maneira que a que os apresenta. Mas isso só acontece nas circunstâncias de um laboratório experimental, onde a questão se limita a mudanças isoladas; numa situação natural, uma gata que carecesse desses sintomas morreria antes de uma que não carecesse deles. Se a gata tivesse medo e, além disso, tivesse de fugir, é claro que o animal cujos processos viscerais não organizaram, não mobilizaram o organismo para a fuga morreria antes do outro.

O argumento experimental mais importante em favor desta hipótese é o seguinte: Cannon, com animais, e seus discípulos, com pessoas, provocavam uma atividade muscular intensa. Por exemplo, obrigavam uma gata a correr por uma calha (como faz Dúrov⁶) pela qual passava corrente, de modo que a cada momento a corrente obrigava o animal a escapar dela, a correr na velocidade máxima. Verificou-se que o simples trabalho muscular, o intenso movimento, produzia as mesmas mudanças orgânicas que uma forte emoção. Em outras palavras, todos os sintomas vegetativos revelaram-se, na verdade, fenômenos concomitantes e interpretações de uma intensa atividade muscular, mais do que de emoções em si.

Pode-se objetar a isso que a gata podia se sentir assustada pela situação criada. Em resposta, Cannon realiza outra série de experimentos, que não incluem momentos que assustem o animal e, no entanto, a intensa atividade muscular provoca as mudanças que costumavam ser consideradas concomitantes

de uma reação emocional e que, antes, o próprio Cannon considerava um momento importante das emoções. Verificou-se que os mencionados sintomas não são tanto fenômenos concomitantes às emoções como complementos dos momentos emocionais relacionados com o instinto.

Desse ponto de vista, diz Cannon, a teoria de Darwin se vê justificada inesperadamente. Nesta teoria, não há dúvida sobre o fato de que nossos movimentos expressivos podem ser considerados, na verdade, rudimentares se comparados à expressão dessas emoções nos animais. O ponto fraco da mencionada teoria, contudo, é que o autor não foi capaz de explicar o desenvolvimento progressivo das emoções, afirmando, pelo contrário, que iam se apagando.

Cannon mostrou que não é a própria emoção que morre, mas seus componentes instintivos. Dito de outra forma, o papel das emoções na psique humana é outro; isolam-se cada vez mais do reino dos instintos e se deslocam para um plano totalmente novo.

Quando se toma a doutrina das emoções no conjunto de seu desenvolvimento histórico, vê-se que, partindo de diferentes lados, este desenvolvimento histórico seguiu uma única direção. As pesquisas psicológicas da vida emocional conduziram ao mesmo que as pesquisas experimentais no campo da psicofisiologia. A conclusão básica mais importante sobre os trabalhos da corrente a que me referi é o peculiar deslocamento do centro da vida emocional. Cannon supunha que o fundamental que esses trabalhos tinham conseguido era ter deslocado o núcleo da vida emocional da periferia para o centro. Mostrou que o substrato real, os portadores reais dos processos emocionais não são, de modo algum, os órgãos internos da vida vegetativa, nem os mais antigos no aspecto biológico. Mostrou que o substrato material das emoções não é um mecanismo extracerebral, um mecanismo que se acha fora do cérebro humano, graças ao que se criou a doutrina das emoções como um estado à parte dentro de toda a psique, mas que é

constituído por um mecanismo cerebral. Ligou o mecanismo das emoções com o cérebro, e esse deslocamento do centro da vida emocional dos órgãos da periferia para o cérebro incorpora as reações emocionais ao contexto anátomo-fisiológico geral de todos os conceitos anátomo-fisiológicos, que os relacionam estreitamente com o resto da psique humana.

Isso torna importante e compreensível o que foi descoberto no aspecto psicológico por outros pesquisadores – a estreitíssima relação e dependência entre o desenvolvimento das emoções e o de outros aspectos da vida psíquica do homem.

Se procurarmos formular brevemente o resumo principal deste trabalho de pesquisa, teremos de dizer: realizou no campo da psicologia algo parecido com o que Cannon e seus discípulos levaram a cabo na da psicofisiologia das emoções; concretamente, deslocou a teoria das emoções da periferia para o centro. Se esta considerava o mecanismo das emoções não como extracerebral, mas como cerebral, se esta mostrou que as reações emocionais dependiam do órgão que dirigia todas as demais reações relacionadas com a psique do homem, também o trabalho psicológico pôs fim à doutrina da vida emocional do homem como “um estado dentro de outro”.

Toda uma série de reações comparativas e dependências se revelou aos pesquisadores nos experimentos quando, ao estudar a vida emocional, começaram a se dar conta da total impossibilidade da situação criada nas teorias de James e Langue, que dividiam as emoções em duas classes que nada tinham em comum entre si – as emoções superiores e inferiores. Se seguirmos o caminho cronológico, teremos de nomear em primeiro lugar Freud, já que ele foi um dos primeiros pesquisadores a se aproximar muitíssimo, não experimental, mas clinicamente, de forma teórica, do que constituiu o percurso principal das pesquisas posteriores neste campo.

Como se sabe, ao analisar a psicopatologia da vida emocional, Freud interveio negando que o mais importante no estudo da emoção são os componentes orgânicos que a acompanham. Di-

zia, como se sabe, que não conhecia nada mais indiferente para determinar a natureza psicológica do terror do que o conhecimento das mudanças orgânicas que o acompanham. Freud rejeitava a velha psicologia orgânica unilateral de James e Langue, que estuda o córtex e não se ocupa do verdadeiro núcleo psicológico, ou, em outras palavras, que, ao estudar o trabalho dos órgãos nos quais se manifesta a emoção, nada faz para estudar a emoção enquanto tal. Freud mostra a extraordinária dinâmica da vida emocional.

Uma conclusão puramente formal de suas pesquisas é, a meu ver, correta, apesar da falsidade, em essência, da afirmação fundamental de Freud. Concretamente, o terror se explica, segundo ele, pelo fato de que, numa série de mudanças neuróticas, a atração sexual reprimida se transforma em terror; o terror se converte num estado neurótico, equivalente a toda uma série de desejos da criança, que foram deslocados, reprimidos de forma insuficiente. Freud demonstrou como é ambivalente a emoção nas primeiras etapas do desenvolvimento. E, apesar do caráter equivocado da explicação que fornece sobre a emoção ambivalente, o fato em si penetrou firmemente na doutrina de que as emoções não existem desde o princípio, que, primeiro, ocorre uma certa diferenciação do núcleo, que encerra sentimentos contraditórios.

Essa tese era importante em outro sentido: desenhou certas possibilidades simples na interpretação do movimento da vida emocional. Mas o principal mérito de Freud no mencionado campo é ter mostrado que as emoções não foram sempre o que são agora, que em diversos momentos, nas etapas precoces do desenvolvimento infantil, foram distintas das do homem adulto. Demonstrou que não são “um estado dentro de outro”, e que só podem ser compreendidas no contexto de toda a dinâmica da vida humana. É só aí que ganham sentido e significado os processos emocionais. Todavia, Freud continuava um naturalista, como o era James, que interpretava a psique do homem como um processo puramente natural, e um pesquisador que enfocava as mudanças dinâmicas das emoções somente dentro de determinados limites naturalistas.

São análogas as realizações de Adler⁷ e sua escola em seus trabalhos dedicados à doutrina das emoções. Mediante observações demonstraram que, no que se refere à sua importância funcional, a emoção relaciona-se não só com a situação instintiva em que se manifesta, como ocorre de fato com os animais, mas é também um dos momentos que formam o caráter. Demonstraram que, por um lado, os conceitos gerais do homem sobre a vida, a estrutura de seu caráter, se vêem refletidos num determinado círculo da vida emocional e, por outro, são determinados por estas sensações emocionais.

Como se sabe, tal idéia sobre o caráter e as emoções fez com que a doutrina das emoções se transformasse numa parte inseparável e central da doutrina do caráter humano. Deu-se algo totalmente oposto ao que acontecia anteriormente. Se antes a emoção era considerada uma surpreendente exceção, uma tribo agonizante, agora passa a ser relacionada com os momentos da formação do caráter, ou seja, com os processos de organização e formação da estrutura psicológica fundamental da personalidade.

Na teoria de Bühler, que do ponto de vista experimental fez pela psicologia infantil atual mais do que muitos outros, existem avanços muito interessantes na “tópica” psicológica das emoções, isto é, no lugar que estas ocupam em relação a diferentes processos psíquicos. Uma exposição grosseira e esquemática das conclusões de Bühler e seus experimentos (e os experimentos são o melhor de seu trabalho) permite apresentar sua teoria da seguinte forma. Partindo da crítica das idéias freudianas sobre a vida emocional, Bühler presta atenção não só ao fato de que na fase primordial do desenvolvimento a vida psíquica e a atividade da criança não estão determinadas exclusivamente pelo princípio do prazer, mas também na infância o próprio prazer, que induz a criança a realizar tal ou qual ato, migra, vaga, muda de lugar dentro do sistema de outras funções psíquicas. Bühler relaciona isto com sua conhecida teoria, que divide esquematicamente o desenvolvimento do com-

portamento em três fases: o instinto, o adestramento e o intelecto. Com base nessa teoria, procura mostrar, em jogos infantis organizados experimentalmente, que o momento do prazer se desloca à medida que a criança se desenvolve, modificando sua atitude diante dos processos com que está relacionado. O primeiro estágio do prazer é o *Endlust*, isto é, o prazer final. É o momento que caracteriza os processos instintivos, relacionados principalmente com a fome e a sede, que são, em si mesmas, desagradáveis. Os primeiros momentos de saciação vêm acompanhados da manifesta expressão dos traços de prazer, mas à medida que culmina o ato instintivo chega o *Endlust*, a sensação emocional que se encontra no final da atividade instintiva. Como se sabe, essa é, em sua forma primitiva e inicial, a organização da atração sexual do homem: o momento central, relacionado com o prazer, consiste no momento final, resolutório, desse ato instintivo. Daí Bühler extrai a conclusão de que, no plano da vida instintiva, pertence à emoção e, concretamente, à emoção do prazer esse papel final, resolutório. As emoções são, no sistema da vida psíquica, como um momento tingido de cores vivas, que proporciona à atividade instintiva seu desenvolvimento íntegro até o final do ato instintivo.

O segundo estágio é, segundo Bühler, o do prazer funcional (*Funktionslust*). Este estágio se manifesta na forma precoce dos jogos infantis, quando o que causa prazer à criança não é tanto o resultado quanto o próprio processo da atividade: aqui, o prazer se deslocou do final do processo para o seu conteúdo, para o seu funcionamento. Bühler observa isso também nas refeições da criança. Esta, durante a tenra infância e nos meses sucessivos, começa a experimentar prazer não só na medida em que se sacia e mata a sede, mas também no processo da alimentação em si; o próprio processo se transforma para ela num possível prazer. Psicologicamente, diz Bühler, o fato de que a criança possa se tornar gulosa expressa a manifestação do *Funktionslust*; o nascimento do prazer imediato

está localizado não no afeto final, mas no próprio processo da atividade.

Finalmente, Bühler distingue do segundo um terceiro estágio, relacionado com a antecipação do prazer, ou seja, com a sensação emocionalmente impregnada, que surge no começo do próprio processo, quando nem o resultado nem mesmo a execução da ação constituem o ponto central da sensação global da criança, mas quando este ponto central se desloca para o começo (*Vorlust*). Estas particularidades distinguem os processos do jogo criativo, das adivinhações, da resolução de algum problema. Neles, a criança encontra com alegria a solução e depois executa o que encontrou; mas a obtenção daquilo que deve obter como resultado da ação já não tem para ela grande importância.

Se enfocarmos estes avanços na atividade da criança do ponto de vista de sua importância, veremos que coincidem com as três fases do desenvolvimento do comportamento, a que se refere Bühler. No plano da atividade instintiva predomina uma organização da vida emocional relacionada com o momento final (*Endlust*). O prazer que se experimenta durante o processo de atividade constitui o momento biológico necessário para formar qualquer hábito, o que exige que a própria atividade, e não seus resultados, encontre em si mesma, o tempo todo, um estímulo de apoio. Finalmente, a atividade, transformada em intelectual, cuja essência consiste no que Bühler chama reação de adivinhação (ou reação de confirmação), caracteriza-se por uma organização da vida emocional em que a criança manifesta uma sensação emocional no começo dessa atividade; neste caso, o próprio prazer põe em movimento a atividade da criança, de modo distinto do que quando se desenvolveu segundo os dois planos de que falamos antes.

Outra conclusão geral consiste em que os processos emocionais, como mostra a pesquisa de Bühler, não são sedentários em nossa vida, mas nômades; não dispõem de um lugar

determinado, fixo para sempre. Meus dados me convencem de que os progressos encontrados desde o prazer final até o prazer antecipado são um pálido reflexo da expressão de toda a diversidade possível na vida emocional, diversidade que constitui o conteúdo real do desenvolvimento da vida emocional da criança.

Ao terminar essa parte relativa ao que há de efetivo em nosso tema de hoje, poderia talvez referir-me esquematicamente a alguns dos últimos trabalhos, particularmente ao trabalho de Claparède, cuja importância reside em ter combinado a pesquisa de crianças normais e anormais com o estudo experimental de pessoas adultas, e aos trabalhos de Lewin, psicólogo alemão, pertencente à escola da psicologia estrutural, que realizou, como se sabe, uma série de pesquisas no campo da psicologia afetiva e da vida volitiva. Mencionarei em duas palavras os resultados mais importantes desses trabalhos, para em seguida passar às conclusões.

A importância dos trabalhos de Claparède consiste em que neles conseguiu separar experimentalmente os conceitos de emoção e sentimento e sua expressão externa. Claparède diferencia as emoções e os sentimentos como processos nos quais se tropeça frequentemente em situações análogas, mas que são diferentes em essência. Como não podemos nos interessar hoje pela classificação das emoções, mas somente pelo problema em si, não nos deteremos nesse aspecto de sua doutrina, mas em sublinhar que conseguiu mostrar a estreitíssima relação existente entre as emoções e os demais processos da vida espiritual e também a diversidade psíquica das próprias emoções.

Como se sabe, Freud foi o primeiro a formular a questão de que a doutrina tradicional da utilidade biológica das emoções devia ser posta à prova. Freud, ao observar o estado neurótico da idade infantil e madura, tropeça a cada passo no espantoso fato a que não pode se esquivar nenhum psicólogo: constata-se que uma pessoa neurótica e uma criança são um

modelo de vida espiritual, transtornada em decorrência da alteração da atividade emocional. Se for correta a velha tese (as emoções são um mecanismo biologicamente útil), é incompreensível que as emoções sejam causa de tão profundas e prolongadas alterações de todo o comportamento, porque quando estamos preocupados não conseguimos pensar conseqüentemente, porque quando nos sentimos transtornados não conseguimos agir de forma conseqüente e sistemática, porque quando estamos muito afetados por algo somos incapazes de nos dar conta de nosso comportamento, controlar nossos atos, em outras palavras, porque os movimentos agudos dos processos emocionais originam tais mudanças na consciência que relegam a um segundo plano o desenvolvimento de toda uma série de funções, que asseguram a vida normal da consciência. Com efeito, segundo a interpretação biológica primitiva e naturalista das emoções humanas, é totalmente incompreensível por que estas adaptações biológicas, tão antigas como o próprio homem, tão necessárias como a necessidade de alimentos e água, por que estas mesmas emoções são fonte de perturbações tão complicadas na consciência humana.

A pergunta inversa, feita por Claparède, consiste no seguinte: se o significado funcional mais importante das emoções se reduz a sua utilidade biológica, como explicar que o mundo das emoções humanas, que se diversificam cada vez mais a cada novo passo dado pelo homem no seu desenvolvimento histórico, produz não só alterações na vida psíquica a que se refere Freud, mas toda a diversidade de conteúdo da vida psíquica do homem (que se manifesta pelo menos na arte)? Por que cada passo do desenvolvimento humano provoca a atuação desses processos "biológicos", por que as vivências intelectuais do homem se refletem em forma de fortes sensações emocionais, por que, finalmente, diz Claparède, cada guinada importante no destino da criança e do homem está tão impregnada de elementos emocionais?

43134

Ao tentar responder a essas perguntas, Claparède apresenta o exemplo da lebre, que corre assustada, mas é salva do perigo não pelo que teme; pelo contrário, o que teme frustra sua fuga e a leva à morte. Partindo disso, Claparède procura mostrar que, junto com emoções biológicas úteis, existem processos que denomina sentimentos. São catástrofes no comportamento, e surgem quando é impossível a reação biológica adequada à situação. Quando o animal se assusta e foge, essa é uma emoção, mas, quando seu susto é tão grande que não consegue correr, ocorre um processo de outro gênero.

O mesmo acontece com o homem; neste caso, encontramos-nos diante de processos que desempenham um papel totalmente distinto se os considerarmos em seu aspecto interno, embora pareçam semelhantes se o fizermos quanto a seu aspecto externo. É a diferença entre a pessoa que sabe dos perigos que a espreitam em um caminho e se arma de antemão e a que não sabe e é atacada; a pessoa que pode fugir e aquela a quem o perigo pega desprevenida; dito de outro modo, a pessoa que pode encontrar uma saída adequada para a situação e a que não consegue encontrá-la; em ambos os casos, ocorrerão processos distintos quanto à sua natureza psicológica. O experimento de Claparède estuda reações com diversas soluções, e isso o leva a dividir a vida afetiva em emoções e sentimentos. Esta diferenciação tem uma grande importância precisamente porque na velha psicologia os traços das emoções e os dos sentimentos se misturavam mecanicamente e eram atribuídos a processos iguais, que na verdade não existem.

Finalmente convém recordar os trabalhos de Lewin, que mostraram experimentalmente a complicada dinâmica das reações emocionais dentro do sistema de outros processos psíquicos. Foi, concretamente, o primeiro a levar a cabo a pesquisa experimental de um processo, que Freud e Adler, levemente, consideravam não poder ser estudado de forma experimental e que, de forma expressiva, era denominado "profundidade psicológica".

Lewin mostrou como um estado emocional se transforma em outro, como surge a substituição das sensações emocionais, como uma emoção não resolvida, continua existindo, com freqüência, ocultamente. Mostrou como o afeto faz parte de qualquer estrutura com que se relacione. A idéia principal de Lewin consiste em que as reações afetivas, emocionais, não podem aparecer isoladas, como elementos especiais da vida psíquica, que só depois se combinam com outros elementos. A reação emocional é o resultado singular de uma estrutura concreta do processo psíquico. Lewin mostrou que as reações emocionais iniciais podem surgir tanto na atividade esportiva, desenvolvida em movimentos externos, como na que transcorre na mente, por exemplo, no xadrez. Mostrou que nestes casos surgem diferentes conteúdos, que correspondem a diferentes reações, mas o lugar estrutural dos processos emocionais permanece o mesmo.

Passarei às conclusões. As duas linhas que procurei examinar na conferência: por um lado, as pesquisas anatômicas e fisiológicas, que transpuseram o centro da vida emocional do mecanismo extracerebral para o cerebral, e, por outro, as pesquisas psicológicas, que deslocaram as emoções para o primeiro plano da psique humana e que as tiraram de seu isolamento de "um estado dentro do outro", incorporando-as à estrutura dos demais processos psíquicos – estas duas linhas se encontram na psicopatologia, como sempre ocorre no estudo da vida psíquica.

Em psicopatologia encontramos uma extraordinária analogia, que permitiu aos clínicos formularem, de um modo totalmente independente de Cannon, Claparède e outros, as duas partes da tese resultante da união desses dois aspectos de uma mesma doutrina. Como nosso curso não inclui os dados da psicopatologia, limitar-me-ei somente a algumas conclusões sumárias. Por um lado, nas lesões e doenças nervosas, os clínicos observaram vários casos em que, devido a uma lesão cerebral mórbida, particularmente a do tálamo óptico na zona

subcortical, produz-se um riso ou um sorriso forçado, que se repete em intervalos de poucos minutos. O que caracteriza esse estado é que não provoca a emoção de alegria, mas constitui para o próprio paciente um gesto inoportuno e mortificante, que contrasta bruscamente com seu estado real.

Tive pessoalmente a oportunidade de estudar e descrever de modo experimental um dos casos de tão inoportunos movimentos, resultante de uma encefalite, que provocava na enferma profundos e dolorosos sofrimentos. Experimentava um terrível contraste entre o que expressava seu rosto e suas sensações reais. Algo semelhante foi criado imaginariamente por Victor Hugo em seu romance *O homem que ri*.

Por outro lado, os clínicos, em particular Wilson e Head, a quem a psicologia deve grandes contribuições, observaram o fenômeno contrário. Nas lesões unilaterais do tálamo óptico, foram testemunhas de uma mudança extraordinariamente interessante da vida emocional: a pessoa que experimenta normalmente uma reação emocional, procedente da parte direita do corpo, sofre uma reação dolorosa quando a excitação procede do lado esquerdo.

Também tive a oportunidade de ver casos análogos. Se se puser numa pessoa como essa uma compressa na parte direita do corpo, ela experimentará uma sensação agradável comum. Mas, se a pusermos no lado esquerdo, observamos nela um entusiasmo exagerado. O sentimento de agrado alcança dimensões patológicas. O mesmo acontece com o contato de algo escorregadio, frio, etc. Kretschmer descreve um doente que apresentava estados complexos, relacionados concretamente com a sensação que experimentava ao escutar música, que variava segundo o ouvido com que a escutasse.

Essas pesquisas, procedentes em geral de clínicas neurológicas, proporcionaram, por um lado, material psicológico que mostra a precisão do ponto de vista de Cannon; por outro, material que evidenciou que o substrato anatômico das reações emocionais parece estar constituído por determinados

mecanismos do subcórtex cerebral, mais exatamente da zona do tálamo óptico, relacionado através de numerosos caminhos com os lóbulos frontais do córtex. Por isso, a localização córtico-subcortical das emoções é para a neurologia atual tão determinada quanto a localização dos centros motores da linguagem na zona de Broca⁸ e os centros sensoriais da linguagem na zona de Wernike⁹.

Estas pesquisas referiam-se à psicopatologia, no sentido estrito da palavra, particularmente à patologia da esquizofrenia. A isso se referem os trabalhos de Bleuler, que evidenciaram que nas alterações patológicas observa-se a seguinte mudança da vida emocional: as emoções principais se conservam em si mesmas, mas, se é que podemos nos expressar assim, o lugar normal destas emoções na vida espiritual da pessoa está deslocado. O indivíduo, capaz de reagir emocionalmente, mostra em seu conjunto um quadro de transtornos da consciência, devido ao fato de que as emoções perderam em sua vida espiritual o lugar estrutural que tinham anteriormente. Em consequência disso, surge no paciente um sistema completamente singular de relações entre as emoções e o pensamento. Em particular, o exemplo mais claro de semelhante sistema psicológico novo, que tem sua analogia na consciência normal, mas que é expressão de um estado psicopatológico, é o estado de pensamento autista, bem estudado por Bleuler e demonstrado experimentalmente por Schneider.

Por pensamento autista se entende o sistema de pensamento em que os pensamentos estão dirigidos não por tarefas diferentes, propostas ao pensamento, mas por tendências emocionais; isto é, quando o pensamento está subordinado à lógica dos sentimentos. Não obstante, semelhante representação do pensamento autista, que já ocorreu antes, é inconsistente: nosso pensamento, que é contrário ao pensamento autista, tampouco está privado de momentos emocionais. Nosso pensamento realista provoca com frequência emoções mais consideráveis, mais intensas, que o autista. O pesquisador que

busca, no processo do pensamento, algo relacionado com sensações emocionais, e o faz com entusiasmo e interesse de intensidades não inferiores, mas inclusive superiores às do esquizofrênico, encontra-se dentro do pensamento realista.

A diferença entre o pensamento autista e o realista consiste em que, tanto em um quanto em outro, dispomos de uma determinada síntese dos processos intelectual e emocional, mas, no caso do pensamento realista, o processo emocional desempenha um papel mais de acompanhante do que de diretor, mais subordinado do que condutor, ao passo que no pensamento autista ele tem o papel de direção; o processo intelectual, ao contrário, em contraposição a como intervém no sistema de pensamento realista, não é condutor mas acompanhante.

Resumindo, as pesquisas atuais do pensamento autista mostraram que este constitui um sistema psicológico original, no qual não estão deteriorados os momentos intelectuais e emocionais, mas onde ocorre uma mudança patológica de sua correlação. A análise desse pensamento autista, que devemos aproximar da imaginação da criança e do homem normal, constituirá o tema de nossa próxima conversa. Espero tratar nela, por meio de um material concreto, de um conceito que foi muitas vezes utilizado e que nunca foi descoberto no sistema psicológico. Veremos como, no desenvolvimento da vida emocional, a migração sistemática, a mudança de lugar da função psíquica no sistema, determina também seu significado em todo o processo de desenvolvimento da vida emocional.

Por conseguinte, teremos a possibilidade de estabelecer uma seqüência entre a conversa de hoje e a seguinte, e no tema da imaginação trabalhar, por meio do exemplo de um sistema psicológico concreto, aquilo que nos ofereceu a análise do pensamento e das emoções. Com isto dou por terminada minha intervenção, deixando para o próximo capítulo as conclusões teóricas relativas à doutrina da imaginação.

Conferência 5 A imaginação e seu desenvolvimento na infância*

Para a velha psicologia, que costumava considerar todos os aspectos da atividade psíquica do homem como conhecidas combinações associativas das impressões acumuladas anteriormente, o problema da imaginação constituía um enigma insolúvel. Querendo ou não, a velha psicologia tinha de reduzir a imaginação a outras funções, porque a principal diferença entre a imaginação e as demais formas de atividade psíquica humana consiste no seguinte: a imaginação não repete em formas e combinações iguais impressões isoladas, acumuladas anteriormente, mas constrói novas séries, a partir das impressões anteriormente acumuladas. Em outras palavras, o novo que interfere no próprio desenvolvimento de nossas impressões e as mudanças destas para que resulte uma nova imagem, inexistente anteriormente, constitui, como se sabe, o fundamento básico da atividade que denominamos imaginação. Por conseguinte, para a psicologia associacionista, que considerava qualquer atividade uma combinação de elementos e imagens que já existiam na consciência, a imaginação devia constituir um enigma insolúvel.

* "Voobrazhenie y yego razvitie v detskom vozraste."